

IV - Edilson, o professor



O Dr. Edilson Brasil Soárez em seu gabinete de trabalho no Colégio 7 de Setembro.

Seu melhor papel. Quando entrava em uma sala, giz na mão e apagador na outra transfigurava-se. Despia-se de sua condição de Diretor do Colégio e, ali, era um professor como outro qualquer. Alegre e divertido. Era comum, em suas aulas, ouvir-se a turma toda rindo. Sem dúvida, encontrava sempre um grande prazer pessoal em dar aulas.

Acredito que lecionava com frequência por vários motivos: era uma fonte de prazer; ensinava matérias básicas - Aritmética e Português no Exame de Admissão e Português na 4a. Série Ginásial - o que lhe dava a certeza de transmitir uma boa base aos seus alunos; não se afastava dos alunos, mantendo-se, assim, atualizado, em condições de exercer uma supervisão mais eficiente.

Como Diretor, tratava os mestres como um bondoso irmão mais velho, muito respeito profissional, liberdade e total autonomia. Participava do cafezinho na sala dos professores, nos intervalos dos recreios, conversava com todos sobre os temas que iam surgindo, de uma forma muito descontraída. Gostava muito desta convivência.

Embora rigoroso dava o exemplo: na qualidade do ensino, pontualidade, assiduidade e, principalmente, no amor que dedicava aos alunos.

Só fazia alguma intervenção quando toda a turma obtinha resultados negativos.

Partia do princípio de que, basicamente, todas as turmas possuíam alunos excelentes, bons, regulares e fracos. No entanto, se todos iam mal em uma prova, havia duas possibilidades a examinar: ou a matéria fora mal explicada ou a prova formulada acima do nível das aulas. E, em torno disto, conversava, de uma forma tranqüila e a sós, com o professor responsável.

Jamais sugeriu que uma nota fosse aumentada, para promover um aluno, até porque fazia questão de alardear: Este não é um colégio p.p., isto é, pagou passou. Quando iniciava as aulas, estava sempre de bom humor, mantinha a turma inteira participando ativamente, fazia piadas com os alunos quando respondiam às perguntas. A aula transcorria leve e proveitosa. Tinha um senso muito prático:

- Este é um colégio que prepara o aluno para a vida.

O professor José Cláudio de Oliveira, um de seus discípulos prediletos, refere-se ao professor Edilson com muita emoção:

- Fui seu aluno no Curso de Admissão e no Ginásio, onde me inspirei em seu papel de professor, para no futuro escrever meus próprios livros didáticos. Foi o trabalho do “Velho Mestre”

que frutificou. Sempre pleno de civismo e patriotismo, criava no jovem um compromisso definitivo de responsabilidade com o futuro, não só o dele próprio, mas com o futuro da Pátria:

- O homem não nasceu só para si, mas para a Pátria.

- No seu tempo, retoma José Cláudio, o ensino era diferente. A sua Escola já era risonha e franca, as aulas eram agradáveis e os alunos amavam as horas que passavam no colégio. Era muito comum a visita de ex-alunos que iam rever o Dr. Edilson, os professores e relembrar a atmosfera leve do Colégio. Nessas visitas ele levava o ex-aluno, de sala em sala, para apresentá-lo aos alunos. Sempre na apresentação, fazia questão de dizer o que os ex-alunos estavam fazendo.

Já no primeiro ano ele ensinava o aluno a fazer uma descrição daqueles quadros da Editora Melhoramentos, no 2º. ano, um tema livre para dissertação. A criança ia se acostumando a pensar, a colocar suas idéias **de uma forma ordenada** e quando chegava ao 4º. ano primário já estava bem familiarizada com as técnicas de redação. Diariamente nas aulas de Português havia: leitura, interpretação e gramática, conjugação de verbos, análise léxica e lógica.

Ele corrigia as redações de todos os seus alunos, tecia comentários, lia, com entusiasmo e entonação vibrante, as melhores redações. Nas notas dos alunos dava grande importância às idéias desenvolvidas e a correção do texto. Desde que eu era garoto, ele procurava despertar-me para escrever bem e, em casa, ao corrigir as redações, mandava que eu lesse as melhores. Lembro-me de redações de Nertan Macedo e Paulo Elpídio de Menezes Neto. Dizia dos bons alunos: "Estes rapazes são muito aplicados, têm talento, vão vencer na vida, darão sempre muitas alegrias aos pais".

E o José Cláudio prossegue:

- Fazíamos cópia e ditado todos os dias. Um erro na cópia era zero. E questionávamos:

-Professor, o senhor não está sendo muito severo? Um erro na cópia e o senhor dá logo zero?

E ele retrucava:

- Se errou na cópia é porque não estava copiando. Então é zero mesmo.

Ora, com esta argumentação não havia clima sequer para qualquer questionamento adicional. Eu devo ao Edilson minha formação intelectual e sobretudo a minha formação moral e cívica. E lembra que o grande educador tinha horror à "pesca", ao aluno que "colava". Ele desenvolvia o seguinte raciocínio:

- Se o tempo que o senhor (quando chamava um aluno de "senhor" era sempre pejorativo) perdeu preparando a "cola", por vezes usando métodos criativos e trabalhosos, tivesse estudado, teria aprendido e não sofreria a humilhação de ser visto como desonesto pelos professores e colegas. Esta prática é um fator de deformação do caráter e habitua o aluno a procurar os êxitos fáceis nos golpes e espertezas, em vez da formação séria e da preparação consciente para assumir as responsabilidades da vida.

Assim sendo, continua José Cláudio, é praticada por má formação do aluno, falta de responsabilidade, vaidade e mau-caráter. Por isto mesmo a instituição de ensino e, em particular, o professor, deve empenhar-se em coibi-la para despertar nos alunos o senso de lealdade e responsabilidade.

O Dr. Edilson, naquele tempo, recrutava dentre os melhores alunos da 4a. série alguns professores para as turmas do Curso Primário. Eu mesmo comecei a dar aulas desta forma. Iniciei ganhando 30 mil réis por mês e no fim do ano já recebia 210 mil réis. Era muito dinheiro. Edilson era um homem tão correto que nos matriculava no I.A.P.C. - Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes. Isto não era usual na época e nós lhe perguntávamos:

"Mas professor, nós não somos comerciantes, como é que o senhor nos inscreve no I.A.P.C.?"

E ele pacientemente explicava:

- Não existe o Instituto dos Professores, então a melhor alternativa é registrá-los desta forma que, no futuro, servirá para a aposentadoria de vocês.

O escritor e jornalista Eduardo Campos, dos nomes mais expressivos do Ceará, homem de rádio e televisão, ex-Secretário de Cultura do Estado, dá o seu testemunho:

- Edilson foi um amigo, um incentivador da minha vida quando eu precisava exatamente de uma pessoa que me orientasse. Tinha necessidade de ingressar no Liceu do Ceará, sair de um ensino

pago para um ensino gratuito, pois meus pais eram pobres. Por sugestão de amigos de minha família, procurei o curso dirigido pelo professor Edilson, que funcionava numa sala da Igreja Presbiteriana. Minha família era de formação nitidamente católica, mas isso não impediu de ser bem recebido por Edilson. Ele era a ponte que nos levava ao Liceu, já que seus alunos, de tão bem preparados, logravam aprovação segura no Exame de Admissão, espécie de habilitação da época para se chegar ao Ginásio.

- Veio então o tal exame, e eu não era um dos alunos mais brilhantes. Ao contrário. Era modesto, meu horizonte não era muito largo, razão por que eu precisava mais que os outros. Edilson, com sua visão admirável, sentiu que eu precisava dessa ajuda e me estimulou ao máximo para que fizesse uma revisão de Português. Ele me achava fraco na matéria e me dedicou um empenho todo especial. Na véspera do exame ele nos convocou e convenceu-nos a não ter medo.

Nós éramos então mais de 100 alunos em seu curso fazendo exame para ingressar no Liceu. E eu -vejam só - tirei o 36º. lugar! Foi uma vitória muito grande, porque as vagas não chegavam a 90. Quer dizer, eu consegui ser aprovado folgadoamente. Portanto, devo meu ingresso no velho Liceu do Ceará às mãos generosas de Edilson Brasil Soárez, o que, na verdade, ele fez com centenas de jovens da época, sobretudo os mais...

Eduardo Campos acrescenta mais:

- Infelizmente, as coisas hoje são diferentes. Estamos vivendo uma crise no ensino, uma crise que não é apenas dentro do magistério, mas uma crise no clero brasileiro, nas nossas forças religiosas, em toda a sociedade. Sou de uma época em que a família tinha seu médico, os pais permaneciam mais em casa e as mães não precisavam trabalhar, o que facilitava uma melhor assistência doméstica. Os professores - sobretudo Edilson - eram verdadeiros sacerdotes, dedicavam-se de corpo e alma ao seu trabalho, a seus alunos. Nós perdemos o médico da família, a participação doméstica dos pais, nós perdemos o professor. O professor de hoje já não é tão dedicado, trabalha quase mecanicamente - e ele não tem culpa disso. O mundo está muito difícil, e não podemos culpar os pais, a mãe precisa sair para o trabalho, os professores se desdobram em várias atividades, ou seja, todos precisam empenhar-se duramente para equilibrar seu orçamento doméstico.

Trata-se de uma avaliação sociológica dos novos tempos, em razão daqueles tempos que nós vivemos. As causas estão aí.

Não é o desamor do professor, não é o desamor do médico, não é o desamor dos pais. Nada disso. É a conspiração do mundo moderno que acabou resultando numa juventude inteiramente desamparada e angustiada. As modificações do mundo moderno se processaram de uma forma muito rápida e, por isto, de difícil assimilação.

- Em consequência disto, o jovem tornou-se vulnerável ao vício, à maconha, a todas essas coisas que no meu tempo não existiam. Então um homem como Edilson faz falta; porque ele teria se adaptado aos tempos de hoje e estaria lá no seu Colégio conduzindo a juventude a caminhos construtivos, evitando desastres morais. O fato é que nós não estamos preparados para o mundo que aí está. Nós fomos perdendo a nossa forma de educação, fomos perdendo aqueles atributos de uma, família antiga, de uma família tradicional, e passamos a ter uma família moderna a imitar modelos estrangeiros, naquilo de mais defeituoso, de mais nocivo à nossa civilização, esquecidos talvez de que eles têm um modelo diferente do nosso modelo de educação.

Falando sempre com muita saudade “dos velhos tempos do grande Edilson”, o escritor Eduardo Campos - atual superintendente da PRE-9, a tradicional Ceará Rádio Clube - fala um pouco dos 20 livros que já escreveu, além de outros a caminho do prelo. E sobre aquele mestre que um dia lhe deu a mão para a grande arrancada nos estudos, conclui:

- Foi um educador consciente de seus deveres, um educador aberto, inclusive aos problemas domésticos de seus alunos. Um mestre permanentemente preocupado com o futuro de seus alunos.

Vejam o que nos diz sobre o professor Edilson o antigo aluno Paulo Elpídio de Menezes Neto, ex-Reitor da Universidade Federal do Ceará, educador e técnico dos mais conceituados no Sistema Educacional Brasileiro, num testemunho escrito:

- De família numerosa, como a maior parte dos cearenses de troncos ancestrais de raízes rurais, Edilson Brasil Soárez assumiu, ainda jovem, responsabilidades e encargos que o amadureceram muito cedo para a vida e impregnaram a sua vigorosa formação espiritual de valores humanos generosos, inspirados nos sentimentos superiores de solidariedade e indulgência dos quais jamais se afastaria.

Fez, assim, da sua dedicação ao estudo e do respeito pelo trabalho, no que revelou edificante obstinação, a ferramenta de que se serviu, com rara dignidade e correção, transmitindo-a como legado maior aos seus filhos e à imensa legião de jovens que colheram do seu exemplo os frutos de um aprendizado útil e as lições de uma educação enriquecedora.

A função educativa, na sua visão percuciente e inovadora de educação, não deveria confinar-se entre as paredes das salas de aula. Encarava-a como prática inseparável da vida cotidiana, que começa no lar e se prolonga na escola, e se consolida nos horizontes da convivência, pelo exercício da sociabilidade, compondo o amplo quadro vivificador da preparação para a cidadania.

Não se deixou dominar, como muitos da sua geração, pelo formalismo inibidor das teorias e das regras estritas das escolas pedagógicas. Pois, ao contrário, a sua percepção e a aguçada sensibilidade de que era dotado a serviço de um projeto educacional e de ações exemplares que muito pouco tinham a ver com os rigores dos padrões correntes dos processos consagrados do ensino formal. Não se entregou, entretanto, aos modismos passageiros que fizeram fortuna entre nós, mas que não passavam de velhas práticas dissimuladas em experiências renovadoras.

Foi um pioneiro e um desbravador. Um modelador caprichoso que se deixava seduzir, a exemplo da paixão avassaladora de Pigmaleão, pelo produto da sua criação, na qual punha sua alma por inteiro e o desvelo do artesão para quem cada peça trabalhada é única e insubstituível.

Conheci-o, ainda menino, pelas mãos do meu avô. Tempos depois do primeiro encontro, levado a matricular-me no **Ginásio 7 de Setembro**, instalado ainda na Rua Floriano Peixoto, em um palacete senhorial que já não existe, tragado como muitas outras lembranças da antiga Fortaleza pelo florescimento urbano desordenado das últimas décadas, fui ter à sua presença. Pressenti naquele momento, entre seduzido e atemorizado pelo desconhecido com o qual me defrontava, evocado anos depois ao ler “O Ateneu”, de Raul Pompéia, que se iniciava para mim, ali, uma nova fase em minha vida de adolescente, com a substituição dos cuidados maternos da professora particular que guiara meus primeiros passos pela disciplina compartilhada por uma ruidosa companhia na qual deveria integrar-me.

A partir do primeiro dia de aula, não o perdi mais de vista, sentíamos todos, alunos das primeiras classes do Curso Primário, a sua presença, constante, a nomear-nos individualmente, como se fôssemos velhos conhecidos. Aos sábados, ao recebermos o Boletim semanal, ritual a que logo nos habituamos e que aguardávamos com ansiedade mal dissimulada, não faltavam os seus comentários que nos acompanhavam à casa, grafados em letras firmes e cuidadosas, premiando o esforço bem-sucedido com palavras de estímulo ou advertindo os faltosos, aconselhando-os aliciadoramente, como se estivesse desafiando a melhor usar a sua inteligência e a sua energia mal aplicadas.

Preocupava-o o exercício da linguagem e da expressão, os serões gramaticais, aos quais impunha disciplina irreduzível, completavam-se com aulas de leitura e redação, com a análise e a interpretação de textos que ainda hoje guardamos na memória. Eram freqüentes, nesta época, nas aulas intensivas do Curso de Admissão os campeonatos de leitura e a consulta ao dicionário, verdadeiras maratonas a que nos aplicávamos com entusiasmo, pinçando palavras novas, e que para nós se apresentavam com o sabor de uma ardorosa competição. Estas práticas cotidianas prolongavam-se nas reuniões ruidosas do Grêmio, por ele acompanhadas pessoalmente, como observador tolerante investido na qualidade de moderador discreto, compelido raramente a intervir, quando a exaltação dos ânimos e os excessos dos manifestantes justificam a medida extrema.

O sentido do papel da liderança e a prática corrente das formas de articulação dos grupos de opinião dentro do Colégio assumiam uma função relevante entre os alunos, graças ao Grêmio Literário, palco dos nossos primeiros discursos e das disputas que se travavam no melhor estilo

democrático, com a participação calorosa de candidatos e eleitores. Devo confessar que, como muitos do meu tempo, contrái o hábito de votar ali e o conservei, por todos estes longos anos, com visível obstinação, convencido de que esta é uma prática saudável e poderosa.

Nesta atmosfera de envolvente participação, constituídos, na verdade, uma comunidade autêntica, com um grau de integração surpreendente que as festividades, as cerimônias e paradas cívicas, as excursões e comemorações, tão frequentes e movimentadas, davam unidade e dinamismo.

Em tudo sua presença se fazia sentir, com aquela agitação criadora, que infundia ânimo e vitalidade aos que dele se aproximavam, e transmitia confiança aos que com ele trabalhavam, e um apego invejável ao sentido que emprestava à organização e à ordem, atitudes inseparáveis do seu labor perseverante e construtivo.

Foi um semeador generoso de otimismo, de fé e de esperança. Acreditava nas forças interiores que sustentam o poder da vontade e modelam o caráter. Era, sobretudo, um homem determinado, condição à qual aliava sentimentos humanitários e altruísticos que o tornavam, sob o ar de aparente severidade, um ser indulgente e magnânimo, capaz de perdoar os que o magoavam e de esquecer o bem que praticava com discrição.

Esta fortaleza de princípios e a determinação inabalável que o amparavam nos momentos adversos e exaltavam as suas convicções de cristão foram uma constante em sua vida. Fez destas qualidades o seu apoio e a fonte da sua inspiração em circunstâncias difíceis, nos momentos amargos de dor e de desfalecimento. Foi assim quando fundou o seu primeiro estabelecimento escolar, ao ter que enfrentar as resistências que lhe opunham alguns setores mais ortodoxos da Igreja Católica cearense, arautos inflexíveis de certa forma remanescente da intolerância que só o tempo haveria de calar.

Ao zelo extremo de tão ardorosos guardiões da Fé, contrapôs o seu trabalho arrimado na pertinácia de quem não se deixava intimidar quando tem uma tarefa a cumprir. E o fez com grandeza, tocado pela retidão de seus princípios, como quem se dá a uma missão e dela faz a razão de sua própria vida. Encontrou na vitalidade de seu caráter e no calor de sua fé irreprimível o alento de que carecia quando alcançou o destino implacável, com a perda de um filho. Com a mesma bravura que só é dada aos bons e aos fortes encarou, cercado do amor dos filhos e do carinho da companheira de toda a sua vida, Nila, o momento supremo da viagem definitiva.

O jornalista e radialista Rômulo Siqueira, há muitos anos radicado no Rio de Janeiro - é o superintendente da Rádio Tamoio, do Sistema Verdes Mares de Comunicação, do Grupo Edson Queiroz - estudou cinco anos no 7 de Setembro e tornou-se depois grande amigo de seu professor. Ele nos conta episódios que bem demonstraram o espírito de justiça do velho mestre.

- Edilson era, a propósito, justíssimo. O professor Oscar Costa Sousa era meu professor de Português. Nas provas orais ele dava a nota na hora tecendo comentários. Chamava dois alunos, fazia uma pergunta a um e, se este não respondesse, dirigia-se ao outro. Uma vez fui chamado para arguição, que era um negócio terrível. Sempre às sextas-feiras. O mais sério era a arguição oral. Edilson dizia sempre que o aluno devia não apenas saber, mas mostrar que sabia, e mostrar falando. Então, eu fui chamado para ser argüido. Houve um debate de perguntas e eu as respondi certo e meu colega errou. Na hora de dar a nota, o Oscar Costa colocou como se eu tivesse errado duas perguntas. Achei aquilo injusto, pois sabia que estava certo. Terminada a aula, reclamei a ele que me observou:

- Se você não gostou da nota, queixe-se ao Diretor. E foi o que fiz. Procurei o Edilson e contei tudo. No dia seguinte, fui à aula normalmente, mas com aquela injustiça atravessada na garganta. Depois de cantar o Hino Nacional o que fazíamos diariamente, a não ser às sextas-feiras, quando cantávamos o Hino da Bandeira, fui chamado à Diretoria.

Quando cheguei à Diretoria estavam Edilson e o professor Oscar Costa. Eu cheio de receios. Edilson ordenou:

- Sente-se. Pegue seu livro de Português, que eu vou assistir a uma arguição sua. E mandou o professor me interrogar. Respondi a todas as perguntas corretamente. Então, Edilson me mandou

de volta à sala de aula, enquanto Oscar Costa não disse uma palavra. Naquele tempo as aulas de Português eram diárias. Estava na aula quando o Oscar, dirigiu-se a mim:

- Você, 36, está dispensado hoje da argüição. Hoje você ganha nota 10. O número 36 era o meu no 7 de Setembro, onde alguns professores costumavam tratar os alunos pelo número da matrícula. E eu, do primeiro ao último ano, fiquei conhecido como 36. Então, eu me senti altamente gratificado e prestigiado na classe. O Edilson não brigou com o professor, mas fez aumentar a nota de 8 para 10, corrigindo assim a injustiça que eu tinha sido vítima. Foi, da parte do Diretor, um puro ato de justiça. Tão-somente.

- Houve uma época em que ele substituía os professores de quase todas as matérias. Se o professor faltava - o que era uma raridade, só mesmo em caso de doença ele ia para a sala e dava aula, fosse de Português, de Matemática, de História, de Latim. Era uma espécie de Supervisor dos Professores, e uma vez por mês o Edilson dava uma aula no lugar de um professor em cada turma. Ele testava com isso, o seu grau de aproveitamento e a eficiência do professor. Naquele tempo, não entendia esse método do Edilson. Só depois vi que era uma das grandezas dele.

Ele foi realmente um precursor de quase todos os métodos modernos introduzidos no ensino cearense. Educador nato, foi criando inovações que os colégios do Ceará não tinham na época e que nasceram de fato no **7 de Setembro**, o primeiro dos nossos colégios em que foi abolida a religião. Isso porque nos outros colégios, em vez dos alunos cantarem hinos patrióticos, apenas rezavam. O Edilson era presbiteriano, mas nunca se prevaleceu de sua condição de dono do Colégio para impor religião a nenhum de seus alunos. Ele, na verdade, foi quem começou a modernizar o ensino no Ceará. Muitos colégios copiaram seus métodos, espelharam-se no **7 de Setembro**.

É preciso ver o seguinte: o Edilson não queria que seus alunos se limitassem apenas às matérias curriculares. Procurava de todas as maneiras estimular o aluno a possuir uma cultura geral, bem maior que a prevista no currículo, uma cultura francesa, essencialmente clássica. Todas as semanas tínhamos de recitar um soneto ou um texto literário, quase sempre, retirados da *Crestomatia*, o grande livro da época, ou de alguma outra obra importante. O resultado é que saímos de lá expressando-nos bem, escrevendo bem, com um nível de instrução bem acima dos limites curriculares. Isso sem falar em nossa formação moral e cívica, o que nos levava não a temê-lo, mas a respeitá-lo.

Procurava sempre em ter no Corpo Docente, professores de peso. Fugia, porém, dos "medalhões" que viviam de glórias do passado e não tinham mais o élan de ensinar. Teve professores da envergadura de Oscar de Souza, Francisco Cavalcante, Odilon Braveza, Ézio Pinheiro, Mardônio Botelho, Luiz Mendes, Godofredo Castro Filho, João Pinto, Madame Gouthier, Edmilson Lopes, José Maria de Oliveira, Nehemias Castelo Branco, Airton Silva, Afrânio Brasil Soárez, Tamborini, Constantino, Lourenço Mota, Milton Dias e Lauro de Oliveira Lima.

E no Curso Primário professores que alfabetizaram várias gerações de cearenses: Júlia Barreira, Silvia Helena Nogueira, Lina Andrade Comes, Aristéia Façanha, Zenilda Brasil Soares, Albaniza das Chagas de Araújo. Além de professor em seu próprio Colégio, deu aula nos seguintes educandários de Fortaleza: Colégio Castelo Branco, Escola Normal Justiniano de Serpa, Colégio Fênix Caixeiral e Colégio São Luiz.

Foi sempre o mesmo professor - ativo, entusiasta, idealista. Suas aulas transcorriam em um ritmo tão acelerado, em um clima tão vibrante que os minutos voavam. Jamais houve monotonia ou lentidão nas aulas que ministrava. Era muito mais liberal como professor do que como Diretor.

Havia espaços em suas aulas para "piadas" inteligentes, porém dentro do respeito.

Costumava embaraçar um ou outro aluno desatento com a seguinte "tirada":

- Você, que já conhece amplamente este assunto, que tem a dizer sobre... (logo formulava uma pergunta que o "infeliz" do aluno morria de vergonha). Estimulava demais os bons alunos, promovia freqüentemente concursos, disputas, distribuía prêmios, quase sempre, livros para acostumá-los a ler.

- A leitura é um hábito, repetia constantemente.

Semanalmente os alunos recebiam suas notas no Boletim e cada um vinha com uma observação do próprio punho do Dr. Edilson, tais como: "Parabéns", "Cuidado com o Inglês", Vai

vencendo" , "Proceda", (quando a nota de comportamento era baixa), "Eh... Assim não vai não!" "Mais atenção em Matemática", "Está bem, mas pode melhorar", "Comporte-se".

Com este trabalho, insano por sinal, ele acompanhava constantemente todos os alunos.

Vivíamos, nessa ocasião, uma época em que os livros didáticos, além de caros para a maioria dos alunos, eram maçantes, além de deficientes. Para cada ano do Curso Primário, escreveu um livro, denominando-os: "Meus Pontos". Eram livros tão objetivos que acabaram sendo adotados até mesmo em outros colégios. Foi uma outra inovação sua.

Por ter boa memória e "viver" o Colégio, diuturnamente, gravava com muita facilidade as matérias em que os alunos estavam mais fracos. Para "desespero" dos alunos, quando encontrava os pais nas ruas, cinema, futebol, dizia logo:

- "O seu menino está muito fraco em Francês, em Matemática melhorou um pouco. É*Inteligente mas pouco esforçado". Ou então: "Seu filho anda muito pálido, leve-o ao médico, precisa apanhar mais sol, sol é vida".

Ele encarava os alunos como seus filhos e não tinha o menor constrangimento em dizer a alguma mãe de aluno:

- As fardas de seus filhos estão muito maltratadas.

Mensalmente os alunos submetiam-se a provas em todas as matérias e havia uma classificação geral. Então, o Dr. Edilson utilizava um método que hoje poderia ser considerado como superado, mas há 30 anos não era, fugia dos métodos didáticos modernos, é claro, mas os resultados obtidos pelos alunos do **Ginásio 7 de Setembro** mostravam que o sistema adotado tinha sua eficiência. Ele ia de sala em sala. Chegava, dirigia-se ao professor, a quem pedia licença para interromper a aula:

- Bom-dia, senhores! Hoje é dia de resultados. Agora vamos ver os que se deram bem e os que se deram mal.

E isto tudo era feito em um clima festivo. Parecia até programa de auditório, pelo espírito dominante. Inicialmente ele anunciava os 1º.s lugares. Ele era muito alegre.

Vinha e criava um clima de "suspense", uma contagem regressiva do 5º. ao 1º. lugar. A todos uma salva de palmas, e o 1º. lugar ganhava um forte abraço do Diretor:

- Meus parabéns! Você é um exemplo para seus colegas. Já telefonei para seu pai para comunicar a sua vitória. Vamos ver se consegue manter esta classificação no próximo mês.

- E então começava a anunciar os últimos colocados. Não havia a intenção de humilhar os maus alunos. O objetivo era estimulá-los para que no mês vindouro eles melhorassem.

Com os maus alunos fazia uma divertida brincadeira. Os 5 últimos formavam a família do grilo". Numa segunda chamada, também regressiva, ele anunciava quem era o "avô do grilo" e pedia vaias para aquele aluno, indagando:

- Como é que o grilo faz?

E a turma inteira respondia:

- "Cricrici".

- E a "avó do grilo"?

- E a "tia do grilo"?

- E o "irmão do grilo"?

- E o "grilo"?

- "Cricrici".

Terminada a brincadeira, ele se compenetrava e dizia para os últimos:

- Vocês são tão inteligentes quanto os outros, mas estudaram pouco. O que houve? Não entenderam as aulas? Perguntem ao professor. Não se acanhem de interromper as aulas. Peçam também explicações aos melhores alunos. Organizem-se, estudem em grupos, não quero ver no próximo mês, nenhum dos senhores na "família do grilo". Com licença, professor.

Retirava-se da sala. E lá ia o Dr. Edilson, feliz da vida, para a próxima turma onde todo o ritual se repetia. Ele nascera para aquilo. Era o seu "habitat". Dava grande realce quando um aluno conseguia sair da "família do grilo" para um dos primeiros lugares.

Ficava eufórico:

- Está vendo? É só querer. Querer é poder. Foi só prestar atenção às aulas, estudar um pouquinho mais e veja o resultado. Vamos continuar assim, o que é melhor, ser dos primeiros ou da "família do grilo"? Você é quem escolhe.

E havia outras formas de colocar os alunos no "**bom caminho**". Um deles conhecido como a "prisão". Esta prática era basicamente destinada a dois tipos de alunos: Os que tiravam notas abaixo de 4 e os que tinham qualquer espécie de mau comportamento. Estes alunos ficavam uma hora todos reunidos numa sala com um inspetor de disciplina tomando conta. Não era permitido fazer dever de casa nem conversar. Um silêncio insuportável, a fome ia aumentando. Algumas mães e pais impacientes a esperar do lado de fora do Colégio que terminasse o "castigo". Os alunos faziam tudo que era possível para evitar esta penalidade, mas sempre havia os recalcitrantes,

O Dr. Edilson todos os dias os visitava:

-O senhor de novo! - eh, eh assim não vai... E o senhor por que está preso? Mau comportamento outra vez?

As penalidades eram registradas no Boletim e era também motivo de observações, tais como: "No estudo vai vencendo, no entanto, no comportamento deixa a desejar".

O "seu" Colégio era a continuação de sua casa. Lá vivia feliz, se divertia, exigia dos professores e alunos de igual forma, com amor. Ou como disse, com muita propriedade, o seu querido ex-aluno, jornalista Hilton Oliveira em uma bela reportagem a seu respeito.

- Edilson Brasil Soárez, um homem em dia com a paz.